

# Ventos novos para a arte e a cultura no DF

**MÁRCIO COTRIM**  
Especial para o JBr

Quando aceitei o convite do governador Roriz para permanecer à frente da Secretaria de Cultura e Esporte do GDF, sabia muito bem como seria diferente o amor em Portugal.

Havia, é verdade, um crédito de confiança no trabalho realizado durante nove meses em 1990, e digo isso sem falsa modéstia. Um elenco de medidas rápidas e eficazes transformaram o panorama cultural da cidade e abriram novas perspectivas. Seria ocioso repeti-las, relata-las, Brasília as conheceu e viveu intensamente, até porque foram trazidas à público e implementadas com absoluta transparência e espírito democrático.

A cidade vibrou com elas, o clima era de harmonia, até de euforia. O advento do Conselho de Cultura, já aprovado pelo governador Roriz em sua primeira gestão, se instalou e logo se transformou num plenário aberto, do mais elevado nível.

Aliás, cabe aqui pequena digressão. O próprio Roriz acompanhou de perto os primeiros passos organizados do movimento cultural da cidade e foi ele quem num luminoso sábado de 1988 reuniu-se, na Casa da América Latina, com os líderes do movimento. Mãos firmes sobre o volume "Diretrizes para uma Política Cultural em Brasília", afirmou solenemente seu apoio político àquele exaustivo trabalho pioneiro.

Todos sabem as razões pelas quais Roriz não pôde realizar, em plenitude, aquilo que desejava. E todos igualmente se lembram da reiterada menção a seu débito com a cultura de Brasília, que ele prometeu resgatar no atual período de governo — agora que ele tem mandato definido e o respaldo de maciço apoio popular.

Ao anunciar meu nome à imprensa, Roriz repetiu a promessa, o compromisso. Senti-me lisonjeado não apenas pela lembrança de minha escolha, mas também por ser o instrumento de resgate do chamado débito.

Mas eu também sabia que as coisas seriam bem diferentes. O que poderia ser tido como provisório em 1990, até com a aceitável desculpa do curto tempo de trabalho, agora se tornava definitivo — pelo menos mais profundo e duradouro. A cobrança, até então tênue e mesmo condescendente — por que não reconhecer? — agora seria constante e muito mais severa;

Aliás, com toda a razão. Afinal, a partir de 1º de janeiro havia uma novíssima representação legislativa em todo o contexto e interesses partidários, rigorosamente legítimos, a discutir rumos e diretrizes, e um governo com fisionomia política claramente definida.

A qualificação do trabalho, muito mais que sua quantificação traduzida em eventos bem-sucedidos, seria uma exigência prioritária. O contato mais próximo com a comunidade — diretrix principal do governo Roriz, à qual aderíamos com alegria porque também nossa antiga convicção desde os tempos saudosos da primeira Prefeitura de quadra em 1977, na querida TrezeM3 — haveria de merecer de nossa parte atenção permanente. E por que não, se era justamente o que desejávamos? Se era o caminho melhor para nossa atuação no cotidiano?

Formulamos metas de curto, médio e longo prazo, as primeiras dadas a conhecimento geral na primeira reunião do Secretariado. Elas abrangiam 28 ações a serem concluídas no primeiro trimestre de 1991. Devo dizer que estão sendo todas cumpridas. Basta consultar o cronograma existente em meu gabinete de trabalho para comprovar essa realidade, além, é óbvio, do noticiário que vem dando cobertura às iniciativas concretizadas e das quais já falarei.

Dentre as metas de longo prazo, propusemos ampla atuação junto às cidades-satélites, o desdobramento de um processo que pouco ou nada tem a ver com o que sucedeu até hoje. De fato, na área de cultura, ao longo dos anos e com honrosas exceções, o governo reúne a comunidade, ouve-lhe as queixas e propostas, anota tudo, promete atender no que for possível, mas os assuntos objetos de discussão simplesmente acabam caindo no olvido, a omissão e a inércia assumem o pódio. Essa atitude, é lógico, tem acumulado a descrença de tudo o que seja promessa oficial em matéria de cultura. Sabíamos disso quando assumimos em abril de 1990, mas também tínhamos convicção de que pouco poderia ser feito em tão curto prazo para reverter o quadro. Agora, não. Acreditamos numa proposta inovadora e nos comprometemos a colocá-la em prática milimetricamente, com nossa presença permanente de acompanhamento.

Eis as linhas gerais do processo: reuniões prévias em cada cidade com a co-

munidade local e a Administração Regional, oportunidade em que procuramos exorcizar as mágoas do passado e propor um horizonte claro e nítido de ações. Estas se traduzem na realização de um seminário local de cultura onde se levantem todos os problemas e propostas, onde se discuta até o osso a realidade da comunidade e se formule um projeto viável de atendimento às necessidades constatadas.

No curso desse Seminário a comunidade elege seu representante e um Conselho de Cultura local, primeiras manifestações efetivas da nova realidade. Esse representante dará expediente diário nas instalações da Administração Regional, que lhe fornecerá o indispensável apoio operacional. Esse representante tem mandato, em princípio, de dois anos, podendo ser destituído pela própria comunidade caso não venha a atender às suas expectativas.

Cumprida essa etapa inicial de aglutinação e amadurecimento, partirá a comunidade assim organizada para um grande Seminário a ser realizado em conjunto com o Decanato de Extensão da UnB. Nesse amplo plenário, todas as cidades-satélites estarão presentes através de seus líderes culturais recém-eleitos e se discutirá o estabelecimento de uma política cultural duradoura para Brasília.

Em seguida se inicia o processo de sedimentação e consolidação do trabalho organizado em cada cidade satélite através do intercâmbio de informações e ações junto à Secretaria, no rumo da construção de Casas de Cultura em cada comunidade. Casas de Cultura projetadas segundo a vocação local, após exaustiva discussão de forma a que a edificação final reflita, realmente, o desejo da comunidade.

Cumpridas todas essas fases, a perspectiva futura é formidável. O processo prosseguirá sem maiores interferências, já que a cidade se estruturou em termos de representação cultural e se equipou fisicamente. À Secretaria caberá a tarefa de acompanhar a evolução natural desse rico desdobramento e estimulá-lo a novas conquistas.

Confiante no êxito da proposta e decidido a vê-la concretizada, programei as manhãs de 3ªs, 4ªs e 5ªs feiras para estar sempre numa cidade-satélite acompanhando de perto como as coisas fluem. Pronto para corrigir rumos, rever diretrizes e dirimir equívocos que por-

ventura ocorram, com a consciência de que esse caminho aberto, democrático e oxigenado será bem-sucedido.

Começa a aparecer a face bonita da cultura nas cidades-satélites. Raquel, em Brazlândia, Divino, no Gama e Robson, em Sobradinho, já foram eleitos e se entregam com entusiasmo a suas novas funções. Esta semana haverá a eleição dos representantes de Taguatinga e do Núcleo Bandeirante no mesmo clima construtivo. Até meados de abril essa etapa do processo será concluída e se iniciará a programação do temário para o grande Seminário na UnB, previsto para o mês de maio, juntamente com a realização do II Seminário de Cultura do Distrito Federal, um momento importante de confluência conceitual e operacional para a vida cultural de Brasília.

Em Ceilândia, infelizmente, a realização da eleição de seu representante não pôde ser efetivada em razão de agudas divergências entre duas facções locais. Com a concordância do administrador regional daquela cidade, remetemos ao Conselho de Cultura — órgão neutro, isento e de constituição paritária entre governo e comunidade — o reexame das normas para o pleito, na certeza de que ele finalmente se realizará, na ocasião oportuna, com a presença maciça de todos os eleitores que se credenciarem.

Tenho certeza de que daqui a uns três meses, com o processo efetivamente em prática, resultados concretos aparecerão. Quando desembarcar em Planaltina em minha, digamos, quarta visita à cidade, já terei muitas decisões para levar aquela comunidade, muitos assuntos resolvidos e confiança reforçada. O processo seguirá sua trilha dinâmica, vitoriosa e incorporará com naturalidade pessoas até então céticas.

Não devo omitir que me emociono acompanhar as reuniões das quais tenho participado e testemunhar a disposição da platéia em discutir cultura. Gente pobre, maltratada pela vida e que, não obstante, demonstra interesse com a vivacidade de olhos brilhantes e da palavra cheia de entusiasmo e esperança. É dessa boa vibração que se nutre nosso trabalho. Ouvir, escutar com atenção e principalmente aprender. Aprender com o coração aberto a novas idéias e às sugestões positivas que aparecem a cada dia.

Cada viagem de volta de uma cidade-satélite tem sido adensada de

novas incumbências, de trabalhos a fazer, de ensinamentos recebidos, de testemunhos autênticos. Ao chegar e reunir-me com os assessores da equipe de intercâmbio comunitário, é uma beleza o que entra em pauta. Estudos são aprofundados e projetos ganham novos contornos, todo um esplêndido elenco de iniciativas é analisado à luz da realidade constatada "in loco".

É um esforço múltiplo e intensíssimo. Maior ainda quando temos que enfrentar o atávico emperramento da máquina administrativa.

Com relação à imprensa, tenho mantido o mesmo comportamento de toda a minha vida profissional — até porque nos últimos 19 anos, venho militando no terreno da comunicação social. Portas abertas, informação na ponta da língua e transparência absoluta, eis a diretrix que me empenho em cumprir a cada dia de trabalho.

Sei muito bem que cultura forma opinião e tem caderno específico na imprensa. Por essa razão operacional mas, sobretudo, por minha própria formação e profunda convicção, a imprensa e o jornalista têm acesso imediato onde quer que eu esteja.

Naturalmente, os veículos de comunicação podem detectar lapsos, e nada mais justo que isso ocorra. Justo e necessário, até para servir de alerta a nosso trabalho. Se essa crítica eventualmente exacerbar a medida exata, cabe-me esclarecer as dúvidas e fazer com que as muitas coisas boas que acontecem mereçam espaço equivalente.

Não abro mão do controle de qualidade. Essa concepção é transmitida diariamente a toda a minha equipe e Maria Luíza Dornas, na Fundação Cultural, está sintonizada com essa diretrix. Nossa jornada tem sido de mútuo estímulo nesse sentido.

Tenho dito sempre que cultura e esporte são duas extraordinárias vertentes para administrar. Nelas pode dar-se excepcional vazão à criatividade. Nelas tratamos com a emoção humana em sua floração maior. E que dizer de um trabalho dessa natureza quando realizado em Brasília, nossa paixão permanente? Mais ainda: num governo legítimo, liderado por um governador como Joaquim Roriz, sempre atento aos anseios populares?

□ Márcio Cotrim é secretário de Cultura e Esportes do Distrito Federal.